

Diário de Aveiro

15 DE JULHO DE 2015 QUARTA-FEIRA | 0,70 EUROS

Fundador Adriano Lucas (1925-2011) | Director Adriano Callé Lucas | Jornal defensor da valorização de Aveiro e da Região das Beiras

AVEIRO
LIBRA
Com avaliador oficial
PAGAMOS MAIS VENDA CONFERIR!
COMPRAMOS OURO, PRATA, PLATINA & JÓIAS
T. 912 744 059 | 919 788 555
Aveiro Rua Dr. Orlando Oliveira n.º 27 R/C Forca (junto loja cidadão)
São Bernardo Estr. de São Bernardo n.º 66B (junto à Farmácia Peixinho)

PCI ARRANCA COM MAIS DE 150 NOVOS POSTOS DE TRABALHO CRIADOS

Incubadora de Empresas da UA tinha, em 2014, 152 novos empregos. Manuel Assunção e Ribau Esteves falam, em entrevista, do equipamento que está a nascer **Páginas 10, 11 e 12**

Vá ao Festival
com o Diário de Aveiro
Veja como na coluna de ofertas

MEO MARÉS VIVAS
16-17-18 JULHO 2015
VILA NOVA DE GAIA

Ficavouga com forte cartaz



Certame de Sever do Vouga é inaugurado no próximo dia 25 e promete um grande cartaz musical. As entradas são gratuitas. **Página 19**

Cavaco Silva destaca importância da pesca e da aquacultura



Presidente da República esteve em Ílhavo para conhecer o trabalho de algumas empresas **Páginas 16 e 17**

Nadador Amadeu Cruz bate recorde nacional **P29**

Ciclista João Moreira vence prova na Serra da Estrela **P30**

Bióloga transforma prémio em bolsa
Universidade de Aveiro | **P6**

AgitÁgueda conquista milhares de turistas
Festival em Águeda | **P21**

Ex-presidente da Cercivar condenado a pena suspensa
Ovar | **P13**



Turismo do Centro sai da BTL com um prémio

Instituição com sede em Aveiro recebeu galardão alusivo ao melhor stand presente na feira internacional de turismo de Lisboa. **Página 2**

Antiga vereadora da Cultura preocupada com obras de arte
Aveiro | **P5**

UA e CHBV assinam parceria com rede de saúde alemã
Região Centro | **P20**

JÓIA AVEIRO
Ourivesaria
Compra-se Ouro Usado
Pagamento em Dinheiro
Até 60 € por grama
Não venda sem nos consultar
Discuta o preço connosco • Cobrimos ofertas
Centro Comercial Oita, R/C

Entrevista

Manuel Assunção e Ribau Esteves, administradores do PCI



FOTOS: RICARDO CARVALHAL

A primeira fase da obra de construção do PCI estará concluída no final do primeiro semestre de 2016

“PCI é instrumento de cooperação e criação de conhecimento”

Investimento Após alguma polémica, o Parque de Ciência e Inovação caminha para se tornar uma realidade. A previsão aponta para que esteja em funcionamento dentro de um ano. Obra de 20 milhões de euros está em execução e foi apresentada na semana passada

Adérito Esteves

Muita tinta correu. Alguns populares e a Quercus chegaram a tentar impedir o avanço da obra do Parque de Ciência e Inovação (PCI), localizada na sua grande parte no município de Ílhavo, mas que terá também um pólo em Aveiro. Apesar da contestação, os responsáveis pelo empreendimento sempre defenderam a legalidade e o interesse da construção de um equipamento que pode trazer à Universidade de Aveiro e à região um forte instrumento de contacto com o mundo, com investimentos e com a criação e difusão de conhecimento. A cerca de um ano de concluir a primeira de três fases da obra que, no total, vai representar 32 milhões de euros de investimento, Manuel Assunção, reitor da Universi-

dade de Aveiro (UA), e Ribau Esteves, presidente da Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro (CIRA), dão a primeira grande entrevista sobre o PCI. Os representantes das duas entidades com maior percentagem nesta sociedade levantam um pouco do véu sobre onde quer chegar este equipamento “único” e “inovador” em Portugal.

Diário de Aveiro: O PCI apresenta-se como um espaço com uma “localização privilegiada”, sendo que a localização foi um factor que levantou alguma polémica. O que custou conseguir a referida “localização privilegiada”?

Manuel Assunção (MA): Esta “localização privilegiada” significa estar próximo da UA. Estar em contiguidade com a

”

A contiguidade com a Universidade foi uma pedra de toque deste projecto desde o primeiro instante

Fez-se um estudo para definir, dentro dos 11 municípios, qual a localização mais indicada. São ‘n’ alternativas

Universidade foi uma pedra de toque deste projecto desde o primeiro instante. É uma realidade conhecida a nível internacional que estes projectos em que queremos juntar gente que está a fazer investigação com quem está mais do lado da criação de novas empresas e da transferência do conhecimento têm de conviver no mesmo espaço físico. É assim que nascem as ideias e se cruza gente com uma sensibilidade maior para investigação e para a criação de novos produtos. Não se trata de fazer um parque industrial. Esse foi um enorme equívoco que algumas pessoas quiseram criar. Não há aqui nenhum equívoco: isto é um parque de ciência e inovação que, para ter sucesso, tem de crescer perto de onde nascem as ideias novas, que são as universidades. Nós

estamos aqui para criar riqueza, para instalar e criar empresas novas. E como acreditamos no que estamos a fazer, temos de preencher as condições para que isto aconteça.

Ribau Esteves (RE): A nota complementar é que se fez uma alteração ao Plano Director Municipal de Ílhavo, para que este objectivo fosse cumprido nos instrumentos de planeamento de território. E isso permitiu-nos criar condições de base legal para que o objectivo que o senhor reitor referiu pudesse ser executado.

Foram estudadas alternativas a este local, ou esta era a única localização viável para cumprir a questão da contiguidade à UA?

RE: Nós estamos muito empenhados em falar do futuro

desta obra de 20 milhões de euros que está em execução. A nossa preocupação é executá-la bem e fazer com que o mercado e os potenciais empreendedores a conheçam e a coloquem no seu pensamento e nas suas opções de gestão no futuro. Para nós, o que está para trás é uma história que começa por um trabalho executado entre a Associação Industrial do Distrito de Aveiro e pela então Associação de Municípios da Ria. Foi feito um estudo para que se definisse, dentro dos 11 municípios da região, qual a localização mais indicada, e para que se indicasse uma área. Não foi um sítio exacto, mas uma área. Ou seja, eu diria que foram estudadas “n” alternativas. Essa área foi apontada e o sítio que escolhemos está dentro dessa área, com as questões de pormenor que já referenciámos. Portanto, há um longo histórico que permite que tenhamos uma obra em execução. Neste momento não estamos a falar onde a obra é, ou deixa de ser. Estamos a trabalhar para que ela acabe bem e o mais depressa possível. Não esquecendo o argumento capital referido pelo senhor reitor: a proximidade ao Campus da UA. Nós precisamos de um parque que seja diferente, se não é mais um que vai ao mercado e o país tem bastantes. Nós queremos um produto diferente, e a nota principal dessa diferença é a ligação ao campus de uma universidade que é, além do mais, o accionista principal desta nossa empresa. Numa localização que é privilegiada em termos de natureza, mas o próprio campus já tem esta localização privilegiada.

Para quando está prevista a conclusão da construção e o início do funcionamento?

RE: Neste momento temos quatro obras em curso, uma de infraestruturas, e três edifícios com empreitadas autónomas: a do edifício central que tem a incubadora de empresas integrada; outra do edifício das TICE [Tecnologias da Informação e Electrónica]; e a outra do edifício dos [sectores] Materiais e Agroindustrial. Esta operação está programada para que até ao final do primeiro semestre de 2016 esteja terminada. Passados uns dias estará a funcionar.

MA: Repare, a incubadora de

Manuel Assunção e Ribau Esteves, administradores do PCI

Entrevista

empresas, que é uma extensão que parte da Incubadora de Empresas da Universidade de Aveiro (IEUA) e integra todas as ideias de incubação dos 11 municípios da CIRA, já está a funcionar. Está na UA e migrará para o PCI. Ou seja, já temos gente, ideias e empresas que podem funcionar desde o primeiro instante em que as instalações estejam disponíveis para as acolher, logo, haverá actividade intensa desde o primeiro momento. A IEUA e as várias incubadoras das autarquias, tudo somado, estão a rebenatar pelas costuras – na UA tem sido um problema com o qual temos tido de lidar porque temos de disponibilizar espaços adicionais para acolher novas ideias de empresas – portanto, assim que houver disponibilidade no PCI, a IEUA transferir-se-á para lá.

O que é que este equipamento traz à região que, por exemplo, a UA não oferece?

MA: AUA é uma instituição que tem por missão a formação, a investigação e a criação de conhecimento novo, mas também tem por missão a cooperação. E a cooperação pressupõe que há parceiros. A Universidade não pode fazer cooperação



”

Já temos gente, ideias e empresas que podem funcionar logo que as instalações estejam disponíveis

O PCI é um equipamento da maior importância na passagem de novas ideias para a sociedade

sozinha. E este é um instrumento poderosíssimo de cooperação, nomeadamente, no que se refere à transferência do conhecimento produzido para a sociedade. Nas mais diversas formas, desde colocar esse conhecimento ao dispor de empresas que já existem e que lhes permitirá continuar na vanguarda, ou na criação de empresas que ainda não existem e que, em virtude dessa dinâmica instalada, podem passar a existir, incorporando conhecimento novo, e criando emprego para que essa produção aconteça. Portanto, o PCI é um equipamento da maior importância nesta passagem de novas ideias para a sociedade. Este equipamento está próximo da UA pelas razões que já apontámos, mas para além da relação com as incubadoras dos 11 municípios, existe uma ligação com as áreas de acolhimento empresarial desses municípios. Com o PCI a funcionar em velocidade de cruzeiro, acreditamos que haverá empresas que se criam e depois migram para áreas de acolhimento empresarial assim que estejam estabelecidas no mercado. Nós acreditamos que um efeito multiplicador para as 11 autarquias será a expansão resultante deste crescimento.

A médio prazo, quantos postos de trabalho pode criar o PCI?

RE: 150 é o número base que temos referenciado como em termos de postos de trabalho.

MA: É um número muito modesto. Eu posso dizer-lhe que a IEUA fechou o ano de 2014 com 152 empregos directos, ou seja, já ultrapassámos este número. Quando passarmos para lá vamos ter mais de 150 postos de trabalho, só com a IEUA.

RE: Esse é o nosso “zero”, digamos assim. E a partir do momento em que está claro o fim da obra, nós vamos lançando o PCI no mercado para que possamos ter cada vez mais entidades interessadas em vir para cá. Hoje, estamos a trabalhar com empresas que estão a ponderar vir para cá e para as quais temos de arranjar soluções alternativas, nomeadamente em pólos de incubadoras de empresas, para que elas já cá fiquem enquanto não podem vir para o PCI. Agora entrámos na fase de dar a conhecer que a oportunidade vai estar fisicamente disponível. Nós temos um segundo número referenciado, que são 500 novos empregos. Mas esse número já é um exer-

”

Queremos um produto diferente, e a nota principal dessa diferença é a ligação ao campus da UA

Em Setembro, vamos apresentar o PCI ao mundo na conferência internacional dos Parques de Ciência e Tecnologia



cício especulativo em que somamos ao nosso “zero” um número de empresas que poderá vir para o parque logo no arranque de funcionamento.

MA: Eu insisto nesta questão da IEUA porque, em quatro ou cinco anos, ela subiu de números muito escassos para estes 152. E em termos de facturação já se aproxima dos cinco milhões de euros, antes de termos o PCI. E é neste olhar para a frente que temos todos de nos concentrar nesse desiderato de fazer mais, melhor e diferente.

Como está a ser feita essa divulgação do PCI?

RE: Em Setembro, vamos participar pela primeira vez na conferência internacional do IASP [sigla inglesa para Associação Internacional dos Parques de Ciência e Tecnologia], onde vamos fazer a apresentação do nosso parque ao mundo inteiro. Exactamente porque este é o momento de dizermos que a obra está a andar, tem um marco temporal para estar pronta e queremos dá-la a conhecer para captivar interesses, para que se traduzam em presença e em investimento na rentabilização do PCI, de forma a passarmos para a segunda e a terceira fases da obra. ◀

Espaço de lazer “único” aberto a toda a população

O PCI vai disponibilizar, também, um espaço de lazer para toda a população...

MA: Isso é muito importante. Esta é uma zona de grande valor ambiental e paisagístico que queremos preservar, mas também dar o usufruto a toda a população, e que neste momento não está acessível. Por exemplo, ninguém sabia onde era o miradouro da Coutada e ninguém ia lá. E neste projecto há um enorme respeito – as construções estão o mais afastado possível da zona ribeirinha. E a zona mais próxima da Ria vai ser de uso público e vai permitir um convívio com a Ria e as suas aves, com a paisagem. Este projecto tem essa

dimensão de uso público de uma zona muito interessante.

Como vai ser garantido esse lado de lazer?

RE: A nossa operação prevê um jardim com um grande espaço verde, integrando um posto de observação de aves, um equipamento polidesportivo. Além da utilização do jardim para uma fruição de golfe numa perspectiva lúdica. Vamos ter um jardim com alguns episódios de golfe. Mas a ambiência chave é um espaço verde com um caminho de miradouro na cota mais alta – aqui [na zona mais próxima da Ria] temos uma diferença de cota com cerca de dez metros para

a zona lagunar. Esse é um elemento único na zona da Ria de Aveiro: uma zona de estar e de passeio que permite uma fruição paisagística absolutamente única sobre o chamado “salgado Sul aveirense”.

MA: É sempre preciso cuidado com esta referência ao golfe. Não vamos ter um campo de golfe. Este é um conceito muito vulgar nos parques públicos de Inglaterra. Também não é um campo de mini-golfe, onde é tudo muito artificial com equipamentos agressivos do ponto de vista estético. Isto não vai ter nada a ver com isso. Será um jardim onde se podem bater umas bolas de golfe. ◀

“Queremos criar dinâmicas múltiplas na região”

Chamar a este equipamento Creative Science Park é já um “pisar de olho” a investimento e investigadores estrangeiros?

MA: Eu não sei se “pisar de olho” é a expressão correcta. O que queremos é estar no mundo. Actualmente, sabemos que há um lugar próprio para as cidades de média dimensão onde há produção de conhecimento. E acreditamos cada vez mais que o papel dessas cidades é fundamental. E a CIRA, no seu todo, é uma grande cidade à escala europeia, se quisermos tratá-la assim. Portanto, o que precisamos é da fixação de talentos, que, hoje, é absolutamente fun-

damental. Essa fixação significa que já existe uma dinâmica muito grande instalada. E isso induz a oferta cultural e dinâmicas de todo o tipo que são fundamentais para continuar a atrair mais talento e os seus efeitos multiplicadores. E é isso que estamos a tentar fazer com o PCI: criar mais um elemento que permita trazer para a região dinâmicas múltiplas – não só industriais, mas também sociais, culturais e de todo o tipo – que dêem a esta região um impulso maior. É isso que queremos fazer. Se lhe quiser chamar “pisar de olho”, que seja. O que queremos é que vejam que há aqui uma oportunidade.

RE: Não nos podemos esquecer que este projecto tem muito empenho dos accionistas mas temos de ter uma palavra muito especial de agradecimento à União Europeia que foi o principal investidor deste projecto, através dos fundos comunitários. Num investimento de 20 milhões de euros, nesta primeira fase, 15,4 milhões vêm de fundos comunitários. E sem essa ajuda não estaríamos aqui a trabalhar nisso. Portanto, este projecto coloca-se numa dimensão europeia, sabendo que estamos a falar de uma área que consideramos estratégica para continuarmos o projecto de desenvolvimento da região de Aveiro. ◀

Entrevista

Manuel Assunção e Ribau Esteves, administradores do PCI

“O que importa não é a dimensão da empresa, mas a tipologia dos projectos”

As incubadora do PCI vai centralizar os pólos de incubadoras dos municípios da CIRA?

RE: Não. Nós vamos ter o PCI para fazer investigação e desenvolvimento nesta relação das competências da UA com as das empresas. Uma peça que está cá dentro é a plataforma base da IERA, que terá aqui o pólo central, mas que terá mais 11 pólos geridos pelos municípios em parceria com a IERA. Actualmente, já estão a funcionar sete dos 11 pólos de incubadoras das autarquias, com o objectivo de até ao final do próximo ano estarem os 11 em funcionamento. A IERA vai ter 12 peças: a central, no PCI, e um pólo em cada município.

MA: Estas coisas não podem ser vistas de forma estática. Cria-se aqui uma dinâmica porque há empresas que estão alojadas nas incubadoras das autarquias, mas há uma integração da gestão de todas estas incubadoras. Há uma percepção global das empresas incubadas. Podemos ter empresas que migram, ainda numa fase de incubação, para as incubadoras descentralizadas das autarquias, e outras que o podem fazer já numa fase de maturação, indo para áreas de acolhimento empresarial dos municípios. Mas também podemos ter empresas incubadas num pólo municipal, mas que precisam da proximidade com o conhecimento e com os instrumentos de investigação e desenvolvimento da UA, e podem vir para o PCI. Estas situações não são estanques, por isso é que estamos a criar um ambiente de produção que é dinâmico e diversificado.



RICARDO CARVALHAL

O PCI vai acolher empresas em fase de incubação mas estará sempre aberto para receber empresas já consolidadas no mercado

Quantas empresas vai ser possível acolher na incubadora do PCI?

MA: O que posso dizer, é que vai continuar a crescer. Nos últimos quatro anos, a evolução anual de empregos criados na IEUA passou de 36 para 55, 70, 100 e 152 - número do final de 2014. Acreditamos que será muito difícil manter este crescimento exponencial, mas, mesmo que haja um abrandamento, pensamos que em dois anos o número pode duplicar. E teríamos esta evolução se mantivéssemos as condições, mas estamos a melhorar essas condições, o ambiente, a atitude e a mentalidade.

Mas há um limite máximo de capacidade de acolhimento?

MA: Não. Até se esgotarem as

”

Há empresas que pela sua dimensão e capacidade multiplicativa, nos interessam particularmente

Estamos a criar no PCI um ambiente de produção que vai ser muito dinâmico e diversificado

dinâmicas não há limite. Claro que o espaço não é só para incubação, será também para acolhimento de empresas que precisam de estar junto do conhecimento. Por isso é que vai haver aqui uma tensão benéfica entre as áreas de acolhimento empresarial [já existentes] - onde acreditamos que o preço por metro quadrado vai ser mais barato - e o do PCI, onde as empresas precisam da proximidade com a ciência e com o conhecimento, logo a pressão sobre estes espaços será maior. O que vai ser espaço para incubação ou para empresas consolidadas será ditado pela dinâmica criada.

RE: Nos outros dois edifícios [que ficam prontos na primeira fase de construção] - o Labo-

ratório de Uso Comum das Tecnologias da Informação e Comunicação Electrónica (TICE) e o dos Materiais e Agroindustrial - também se vão alojar empresas que vêm fazer trabalhos nestas áreas, em interacção com os investigadores da UA. Aqui, a incubadora é apenas uma peça. Além disso, aquilo a que chamamos a política regional do empreendedorismo é uma das políticas prioritárias que definimos na estratégia integrada de desenvolvimento territorial. E é um dos projectos-chave da nossa proposta do Pacto para o Desenvolvimento e Coesão Territorial da Região de Aveiro, que está ainda em fase de negociação com a autoridade de gestão - cujo processo negocial está a andar muito bem.

Que papel terá o parque de acolhimento empresarial do PCI?

RE: As áreas de acolhimento empresarial estão referenciadas em cada município, onde assentarão as operações que venham a ter desenvolvimento industrial. Pode haver boas ideias que se desenvolvem e trabalham aqui, e depois decidem passar para o desenvolvimento industrial. Aí, analisam as áreas de acolhimento empresarial que estão ancoradas no parque e passam para o processo de escolha. Isto é uma malha onde cada uma das peças tem o seu papel.

Além de empresas novas, haverá lugar para empresas já consolidadas no mercado?

RE: Absolutamente. Aqui, há espaço para as [empresas] nascentes e para as empresas de múltipla dimensão que tenham objectivos que se integrem na ambiência do PCI. Pode haver uma super-multinacional que queira fazer o desenvolvimento de um projecto ou a concretização de um determinado objectivo e que se integra bem no nosso parque. O que está em causa para o PCI não é a dimensão da empresa, mas a tipologia dos projectos. Obviamente que há empresas que, pela dimensão e capacidade multiplicativa, nos interessam particularmente.

É o envolvimento com todos os municípios que justifica a presença da CIRA na administração do PCI?

RE: Sim. Nós temos dois acionistas municipais (Aveiro e Ílhavo), por força de o PCI assentar em dois municípios, mas a lógica regional faz com que aqui esteja como accionista a CIRA. É essa dimensão regional que justifica que a CIRA cá esteja como um dos principais accionistas, juntamente com a UA. ◀


TorreAlfer
 administração de condomínios unip. lda.
 www.torrealferr.com.pt

Alfredo Nogueiro
 sócio gerente
 Telem.: 961 448 122

Centro Comercial Carramona . loja 205 . Esgueira . 3800-322 Aveiro
 tel. 234 197 384 . fax 234 197 385 . e-mail: torrealfer@netvisao.pt

TOC ou ROC
 Empresa do ramo dos Transportes de Mercadorias
 com sede em Aveiro.

Envie-nos a sua experiência em:

Contabilidade, Finança e Fiscalidade

Preferência a quem dominar o processamento de salários.

Admissão Imediata.

Envie currículo para: geral@transportesgenrinho.pt

 Team
FRANCISCO SILVA
 By RE/MAX ABC
 967 816 500



Pensa em comprar,
 vender ou arrendar a
 sua Casa?

FALE COMIGO!

CRESCAMOS
 CONSIGO
RE/MAX ABC